

A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA FORMAÇÃO DE PIBIDIANOS: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE LEITORES

Kelly Cristina Batista de Castro ¹
 Daniely Hannah Alencar de Almeida ²
 Fernanda Vieira de Macedo Moro ³
 Juliana Bastos Ferreira ⁴
 Juliana Rodrigues Rocha ⁵
 Denilson Diniz Pereira ⁶

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar as vivências desenvolvidas durante a oficina de contação de histórias na formação de leitores na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, voltadas aos pibidianos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O trabalho apresenta relatos que evidenciam a formação interdisciplinar, envolvendo as áreas de Arte e Língua Portuguesa, e descreve as atividades realizadas na oficina. Além disso, discute a condução da formação e analisa o processo sob a ótica das formadoras. O artigo destaca a importância de tecer diálogos entre professores da Educação Básica e pibidianos antes que estes tenham os primeiros contatos com seu espaço de atuação: a sala de aula. Conduzido por uma abordagem qualitativa (Pimenta, 2011) o estudo utilizou a pesquisa bibliográfica, tendo como referencial teórico, as concepções de Moreira e Candau (2003), autores que se dedicam ao estudo da cultura escolar; Tardif (2002), estudioso dos saberes necessários para a formação docente; Munduruku (2015), escritor indígena com ampla experiência nos estudos sobre a contação de histórias; e Britto (2012), cujas reflexões são voltadas para o campo da leitura. Por fim, este estudo aponta as contribuições advindas da formação, tanto para as docentes formadoras quanto para os pibidianos, além de destacar a relevância de programas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na formação inicial de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFAM.

Palavras-chave: Formação docente, Professores da Educação Básica, Pibidianos, Contação de histórias.

INTRODUÇÃO

No processo de formação docente, tanto continuada quanto inicial, é essencial promover momentos de diálogo entre “profissionais pedagógicos da Educação Básica”

¹ Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, kelly_86batista@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, daniely.alencardh@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, fvdmm.mic24@uea.edu.br

⁴ Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, julianabastosped@gmail.com

⁵ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lyanarodrigues15@gmail.com

⁶ Professor orientador: Pós Doutor em Educação, professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, denilsondiniz@ufam.edu.br



(Silva Júnior, 2015, p. 13) e o “corpus universitário” (Tardif, 2002, p. 55) — ou seja, no contexto deste artigo, entre professores da Educação Básica e pibidianos, graduandos da Licenciatura em Pedagogia —, de modo a favorecer a inovação, o desenvolvimento e o fortalecimento de práticas didático-pedagógicas, dentre as quais se destacam a contação de histórias e a leitura, considerando a diversidade de sujeitos, saberes, práticas e linguagens presentes no ambiente escolar.

Programas que incentivam essa interação, segundo Tardif (2002), tornam-se extremamente relevantes na formação inicial, pois aproximam os futuros professores de seu espaço de atuação. Nesse contexto, situa-se o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), instrumento vinculado à Política Nacional de Formação de Professores, cujo principal objetivo consiste na valorização do magistério e a qualificação da formação inicial de professores. No âmbito do Programa, os estudantes bolsistas – denominados pibidianos – têm a oportunidade de vivenciar a realidade escolar por meio da prática, estabelecendo contato com experiências metodológicas, tecnológicas e políticas que contribuem para a melhoria dos processos de ensino-aprendizagem nas instituições de educação básica (Brasil, 2023).

De acordo com Gatti et al. (2019, p. 19), a docência deixou de ser uma ação espontânea baseada apenas na intuição e se consolidou como um campo fundamentado em bases filosófico-sociais, histórico-psicológicas e práticas específicas, que demandam formação continuada para o domínio de conhecimentos científicos e humanistas necessários à atuação na educação das novas gerações, bem como a compreensão de linguagens, tecnologias e estruturas interpretativas que compõem esse processo.

No que concerne à formação continuada, Tardif (2002) a define como um processo permanente de aprendizado profissional ao longo da carreira docente. Para o autor, a formação dos professores não se limita à formação inicial, mas se constrói continuamente na prática, na troca com colegas e na reflexão sobre a própria experiência.

Vale ressaltar que, no processo de formação docente, como bem mencionam Henrique et al. (2022), os professores e as professoras são também coautores e coautoras da continuidade de sua própria formação e de seu exercício profissional, assim como da formação inicial de futuros docentes e da formação continuada de profissionais em atuação na Educação. Para tanto,

A formação continuada de professores não pode [...] ser delegada aos



chamados “especialistas” e não pode ser realizada apenas no interior das instituições em que eles desenvolvem seu trabalho, as universidades e demais instituições de ensino superior. Também não pode, evidentemente, ser deixado ao sabor do acaso e da boa vontade de quem por ela se interessar. (Imbernón, 2011, p. 10)

Esse posicionamento evidencia a complexidade da formação docente, que deve ser compreendida como um processo coletivo e sistemático, articulado entre diferentes espaços de aprendizagem e atores educacionais. Nesse sentido “a formação docente tem que ser pensada como um aprendizado profissional ao longo da vida, o que implica envolvimento dos professores em processos intencionais e planejados” (André, 2010, p. 176). Assim, a formação docente deve ser concebida como um processo contínuo, integrado e dialógico, que possibilite transformações concretas em direção a uma prática efetiva em sala de aula, capaz de atender às demandas de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Nesse contexto, a formação continuada em que foi ministrada a oficina intitulada “*A contação de histórias e a formação de leitores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental*”, que inspirou este artigo, foi promovida pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Essa formação revelou-se fundamental para tecer reflexões que aproximaram teoria e prática, por meio de diálogos estabelecidos entre professores da Educação Básica e pibidianos, com o propósito de compartilhar experiências e instigar o desenvolvimento de ideias e práxis voltadas à formação de leitores no processo de ensino-aprendizagem de crianças.

Embora existam pesquisas significativas sobre a formação de professores e o processo de ensino-aprendizagem relacionados à contação de histórias e à leitura, este trabalho propõe tecer reflexões acerca dessa temática, enfatizando a experiência de vivenciar o processo de formação. Nesse contexto, a fundamentação teórica deste trabalho está baseada, sobretudo, nas concepções de Moreira e Candau (2003), autores que se dedicam ao estudo da cultura escolar; Tardif (2002), estudioso sobre saberes necessários para a formação docente; Munduruku (2015) escritor indígena com uma ampla experiência nos estudos sobre a contação de histórias; e Britto (2012) cujos estudos são voltados para a leitura.

Assim, o objetivo deste artigo é relatar as vivências desenvolvidas durante a oficina de contação de histórias na formação de leitores na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino



Fundamental, voltadas aos pibidianos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

METODOLOGIA

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, uma vez que, conforme Pimenta (2011), esse tipo de investigação possibilita compreender os fenômenos de maneira mais significativa. Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia foi estruturada em duas etapas complementares.

A primeira etapa consistiu em um estudo bibliográfico, voltado à análise de referenciais teóricos sobre formação continuada docente, contação de histórias e formação de leitores, buscando sustentar conceitualmente as discussões apresentadas.

A segunda etapa correspondeu ao relato e à análise da experiência formativa, que envolveu o desenvolvimento de atividades nas áreas de Arte e Língua Portuguesa, mediadas por professoras formadoras do PIBID. Nessa fase, foram descritas as ações realizadas, as estratégias adotadas e as percepções das participantes acerca do processo formativo, evidenciando a articulação entre teoria e prática.

Interação entre professoras da Educação Básica e pibidianos

Segundo Demo (2007, p. 11), “investir na qualidade da aprendizagem do aluno é, acima de tudo, investir na qualidade docente”. Nessa perspectiva, a interação entre professores da Educação Básica e pibidianos, especialmente em contextos de formação continuada, constitui uma oportunidade valiosa para a troca de saberes e experiências. Esses momentos promovem reflexões sobre práticas pedagógicas, elaboração e uso de materiais didáticos, gestão do tempo e do espaço escolar, além do compartilhamento de fundamentos teóricos, sendo todos voltados ao aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem.

Foi nesse contexto de colaboração e troca formativa que se estruturou a proposta de formação descrita neste estudo, concebida como um espaço de diálogo entre a prática docente e a formação inicial. A realização dessa formação envolveu o cumprimento de algumas etapas, apresentadas a seguir em dois momentos.

No primeiro momento, após o convite do coordenador institucional — professor do curso de Pedagogia da universidade e responsável pelo projeto — para ministrar a oficina intitulada “*A contação de histórias e a formação de leitores na Educação Infantil*



e nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, retomaram-se as reflexões propostas por Lima e Pimenta (2006) sobre a importância de pensar o que ensinar, como ensinar e, sobretudo, o que se aprende no processo. Dessa forma, a reflexão sobre a prática e sobre as experiências vivenciadas configurou-se como componente essencial à formação inicial do professor.

Assim, foi realizada uma breve pesquisa bibliográfica referente a temática, seguida da elaboração do planejamento, que ocorreu por meio de uma reunião virtual, realizada na plataforma Google Meet entre as professoras formadoras. Somente após a construção do plano de atividades formativas foi possível confeccionar os materiais didáticos (como slides, recursos lúdicos e interativos, além de materiais para produção).

Por meio da revisão bibliográfica, foi possível compreender as concepções sobre a contação de histórias segundo autores como Hampâté Bâ (2010). Para esse autor, a contação de histórias na Educação Infantil promove o diálogo das crianças com a realidade, ajudando-as compreender a si mesmas, as pessoas ao seu redor e a natureza. Nesse contexto, Munduruku (2015) menciona que somos movidos pela magia de contar histórias, pois contar histórias é celebrar, é relembrar. Além disso, a prática de contar histórias para bebês e crianças pequenas estimula o desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional, de forma coerente com o modo como a criança melhor interage com o mundo, ou seja, por meio da ludicidade.

Nos Anos Iniciais da Educação Básica, Hampâté Bâ (2010) aponta que a contação de histórias busca despertar o interesse pela leitura e pela escrita de forma significativa e contextualizada. Essa prática permite que as crianças reconheçam a função social da linguagem escrita, favorecendo a transição do oral para o escrito de maneira lúdica e prazerosa. Além desse papel pedagógico, a contação de histórias também cumpre uma função existencial, pois, como observa Harari (2017), é por meio das narrativas que nos tornamos humanos, aprendendo sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca.

Vale ressaltar que a contação de histórias desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades, inclusive da leitura (Bettelheim, 2002). No entanto, é importante compreender que ler vai além de converter sinais gráficos em sons, trata-se de interagir intelectualmente com o discurso escrito, independentemente do meio utilizado. A leitura pode ocorrer por meio da audição, como ao ouvir um texto em voz alta, prática comum entre crianças pequenas, que aprendem a ler com os ouvidos. Ou seja, “as pessoas



podem ler com os olhos; podem ler com as mãos e também podem ler com os ouvidos” (Britto, 2012, p. 17). Essas concepções serviram de base teórica para orientar as discussões e práticas desenvolvidas, especialmente durante o segundo momento da formação.

No segundo momento, realizou-se o encontro de formação, ocorrido em uma das salas da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Estiveram presentes os pibidianos do curso de Licenciatura em Pedagogia, os professores supervisores (docentes da escola que acompanham os pibidianos) e os coordenadores institucionais (professores da universidade responsáveis pelo projeto), além das professoras formadoras. A formação teve início com um momento de acolhida, seguido da dinâmica de apresentação intitulada “Como é doce te conhecer”, na qual os participantes puderam se conhecer, ainda que brevemente.

Após esse momento, foram apresentados slides que subsidiaram os diálogos sobre a temática da oficina, articulando teoria e prática. Em seguida, a turma de pibidianos foi dividida em dois grupos para a realização de atividades práticas de leitura aplicáveis em sala de aula com alunos tanto da Educação Infantil quanto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Vale ressaltar que, como a turma de pibidianos era composta por aproximadamente cinquenta acadêmicos, fez-se necessária a divisão, em que cada grupo foi direcionado a uma sala, o que possibilitou a execução das atividades propostas pelas professoras formadoras de maneira mais efetiva e participativa.

Um dos grupos desenvolveu atividades de leitura e interpretação textual coletiva, tendo como ponto de partida histórias clássicas da literatura nacional, enquanto o outro grupo trabalhou com atividades de leitura e interpretação textual, tanto coletivas quanto individuais, a partir de histórias da literatura da Região Amazônica. Essa proposta foi feita, pois:

Em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (Moreira e Candau, 2003 p. 161).

Nessa perspectiva, contar histórias em sala de aula, envolvendo as diferentes manifestações culturais possíveis, constitui uma forma lúdica e prazerosa de despertar na criança o interesse e o respeito pela diversidade e pelo ambiente sociocultural ao seu redor, principalmente nas salas de aula localizadas no território amazônico, onde devem ser percebidas as múltiplas Amazônia em



que vivem — a Amazônia floresta, a Amazônia cidade, a Amazônia rios, as Amazonas de saberes, crenças, encantos e desencantos.

Munduruku (2015) menciona que, na Amazônia,

a gente aprende muitas histórias durante a vida. Algumas são para dizer quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Essas histórias nos ajudam a perceber parte do universo. Tem histórias que nos ensinam de onde tirar nosso alimento: histórias da mandioca, dos frutos comestíveis, das plantas medicinais. Essas histórias nos contam que tudo é sagrado porque nos foi dado graciosamente. [...] Às vezes homem e mulher são seres da natureza. Podem ser plantas, podem ser bichos, podem ser rios, podem ser árvores ou pássaros. Essas histórias nos contam sobre como viver juntos, como viver em comunidade, como respeitar as pessoas (apud Medeiros e Moraes org. 2015, p. 24).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Pluralidade Cultural (Brasil, 1997, p. 54), em sala de aula “devem ser abordados os regionalismos”. Nesse contexto, as histórias da Região Amazônica, ao serem contadas em sala de aula no território amazônico, tornam o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, pois estão carregadas de simbologias relacionadas ao contexto sociocultural dos alunos.

Vale ressaltar que, entre as atividades realizadas pelos grupos, destacaram-se: a leitura coletiva e individual de histórias; a confecções de cartas utilizando desenho e pintura; interpretação textual por meio de esculturas com massa de modelar; a elaboração de fanzines; e a produção textual nesses fanzines, utilizando tanto a escrita quanto o recorte e colagem. Após esse momento, os grupos reuniram-se para socializar as atividades desenvolvidas.

Reflexões docentes

Mediante reflexões apresentadas, compreende-se que a interação entre professores da Educação Básica e pibidianos, especialmente em eventos de formação continuada no ambiente da universidade, configura-se como uma oportunidade valiosa para a troca de conhecimentos e experiências, fortalecendo um aspecto essencial para o aprimoramento da qualidade do processo de ensino-aprendizagem dos alunos: a formação inicial e continuada dos profissionais da Educação.

Essa interação proporcionou tanto aos formadores — que buscaram bases teóricas e refletiram criticamente sobre suas práticas — quanto aos participantes, na condição de ouvintes, a oportunidade de tecer reflexões mais aprofundadas acerca da práxis pedagógica, abordando a contação de histórias, a formação de leitores e o uso das múltiplas linguagens artísticas. Esses elementos se entrelaçam aos conteúdos curriculares previstos nos documentos oficiais de ensino, constituindo um trançado rico e significativo



que integra saberes, simbologias e ensinamentos essenciais à prática docente. Tais dimensões revelam-se fundamentais para o trabalho pedagógico em sala de aula, especialmente quando orientado por uma perspectiva interdisciplinar e contextualizada.

Em sala de aula, a contação de histórias de clássicos da literatura nacional e de narrativas da Região Amazônica possibilita à escola trabalhar com diferentes contextos socioculturais, que, por muito tempo, foram negligenciados, principalmente no que se refere às histórias regionais amazônicas no ambiente escolar. Isso se deve ao fato de que o conhecimento sistematizado esteve historicamente centralizado em um modelo eurocêntrico de saber.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), as histórias podem ser contadas por meio das diferentes linguagens previstas nesse documento, bem como das linguagens artísticas e multimidiáticas. Essas possibilidades favorecem a aprendizagem de valores que nos constituem como seres humanos, além de promover relações de bem viver com o meio em que se vive.

Assim, fazem-se necessárias mais oportunidades de formação continuada, nas quais o professor da Educação Básica possa assumir o protagonismo de sua própria formação e ao mesmo tempo, contribuir para a formação de futuros profissionais da área. Outro fator importante observado foi a rede de apoio estabelecida entre os diferentes níveis de ensino – professores da Educação Básica e docentes universitários –, elemento essencial para a promoção de experiências formativas integradas e significativas.

Considerações

Por meio deste artigo, buscou-se descrever as experiências vivenciadas por professoras da Educação Básica, licenciadas em Pedagogia, ao ministrarem uma formação sobre a contação de histórias e formação de leitores na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, destinada a uma turma de pibidianos.

Mediante a análise, constatou-se que as oportunidades formativas nessa perspectiva fortalecem e aprimoram tanto a formação inicial quanto a formação continuada dos profissionais da Educação. Além disso, a temática abordada na formação favoreceu diálogos pertinentes a serem desenvolvidos em sala de aula, pois contempla aspectos do cotidiano do aprendiz amazônida. Ademais, ao ser trabalhada por meio da prática didático-pedagógica docente, em uma perspectiva interdisciplinar, estimula nos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências previstas nos documentos



oficiais que norteiam a educação brasileira, especialmente na BNCC.

Em suma, a formação possibilitou refletir sobre práticas que fortalecem a ação didático-pedagógica docente, dentre as quais se destacam a contação de histórias e a leitura, considerando a diversidade de sujeitos, saberes, práticas e linguagens presentes no ambiente escolar. Essas experiências contribuem para o aprimoramento da qualidade da aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M.. **Formação de Professores:** a constituição de um campo de estudos. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8075/5719>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL, MEC. **Parâmetros curriculares nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **PIBID:** Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Brasília, 17 de abril de 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>>. Acesso em: 09 jan. 2025.

BRITTO, Luiz Persival Leme. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FARIAS, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (orgs.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância.** 3. ed. rev. amp. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

DEMO, Pedro. **Aposta no professor:** cuidar de viver e de trabalhar com dignidade. Porto Alegre: Mediação, 2007.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. S.; ANDRÉ, M.; ALMEIDA, P. C. A.. **Professores do Brasil:** novos cenários de formação. Brasília, DF: Unesco, 2019. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/wpcontent/uploads/2019/05/Livro_ProfessoresDoBrasil.pdf> Acesso em: 18 jan. 2025.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: **História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África.** Editado por Joseph Ki-Zerbo, 2ª Ed. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/imagens/0019/001902/190249POR.pdf>. Acesso em 15 fev 2023.



HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Trad. Janaína Arcoantonio. 19 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

HENRIQUE, Felipe José Do Nascimento et al.. **A capilarização do campo científico como condição fundante para uma nova cultura de ser e de formar professoras de anos iniciais no brasil**. CONEDU - Formação de Professores... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/91131>>. Acesso em: 18/02/2025 01:39

IMBERNÓN, F.. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo, Cortez, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos**. Rev. Bras. Educ.[online], n. 23, p.156-168, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/53953>. Acesso em: 3 de jan. de 2025.

MUNDURUKU, Daniel. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (org.). **Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 21 - 28.

PIMENTA, Selma Garrido (orgs.). **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetivos complexos**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SILVA JÚNIOR, C. A.. Construção de um espaço público de formação. In: SILVA JÚNIOR, C. A.; GATTI, B. N.; MIZUKAMI, M. G. N.; PAGOTTO, M. D. S.; SPAZZIANI, M. L. (orgs.). **Por uma revolução no campo da Formação de Professores**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 5. ed. Petrópolis, Vozes: 2002.

